

ELABORAÇÃO DE CAIXAS DE TRANSPORTE DE ANIMAIS COM DOIS COMPARTIMENTOS.

Laura de Jesus Cecatto Pinto – Centro Universitário São Judas Tadeu Campus Unimonte, cecattovet@gmail.com; Msc. Sandra Peres Ferreira – Centro Universitário São Judas Tadeu Campus Unimonte, sandra.ferreira@saojudas.br (orientadora).

RESUMO:

O Centro de Pesquisa e Triagem de Animais Selvagens (CePTAS) da São Judas Unimonte é responsável por fazer a triagem, reabilitação e destinação da fauna silvestre resgatada, servindo também como espaço de aprendizagem e pesquisa para os alunos do centro universitário. O objetivo da pesquisa é fazer uma análise dos animais que mais chegam ao CePTAS, suas características anatômicas, fisiológicas e comportamentais para que sejam confeccionadas caixas de transporte, que são de extrema relevância para o manejo, saúde e segurança das espécies, auxiliando o trabalho do médico veterinário na dinâmica da movimentação dos animais, dentro do Centro ou visando a soltura, ambas etapas fundamentais para a conservação da fauna. Para elaboração da caixa de transporte foi utilizado o Espaço *Maker* da São Judas Unimonte, tendo como material o compensado naval. É evidenciado a importância de que transporte ocorra de maneira segura tanto para o animal quanto para o técnico responsável.

INTRODUÇÃO:

Os Centros de Triagem de Animais Selvagens (CeTAS) são responsáveis por fazer a identificação, triagem, reabilitação e destinação da fauna silvestre e exótica apreendida ou entregue voluntariamente (MENDONÇA, *et al.* 2020). O recebimento das espécies pelo Centro tem sua importância por possibilitar uma análise de dados da situação da fauna, da captura e comercialização ilegal na região, sendo um auxílio para o desenvolvimento de trabalhos de preservação e conservação (PEREIRA, *et al.* 2019).

Na rotina de um centro de triagem os animais podem precisar ser transportados, tanto internamente como em transferências de recintos e para ambulatórios, quanto externamente para clínicas veterinárias, zoológicos ou áreas de soltura (HOSEY, *et al.* 2013).



Segundo FORD *et al.* (2007), o ideal é que as caixas de transporte sejam isoladas visualmente, possuindo um piso não muito rugoso, de substrato apropriado e que seja de fácil higienização, além de controle de umidade e evitar variações térmicas bruscas. ROSA (2014), relata que as caixas de material rígido são as mais indicadas para transportes em veículos, já que no caso de uma colisão irá oferecer uma maior resistência ao choque, evitando assim que o animal se lesione facilmente. O autor também cita a importância de que o fundo da caixa seja impermeável, pensando no caso do animal urinar, pois ao sujar o restante do veículo implicaria risco biológico aos outros animais e para o condutor

PALAVRAS-CHAVE:

Répteis, Segurança, Transporte.

MÉTODO:

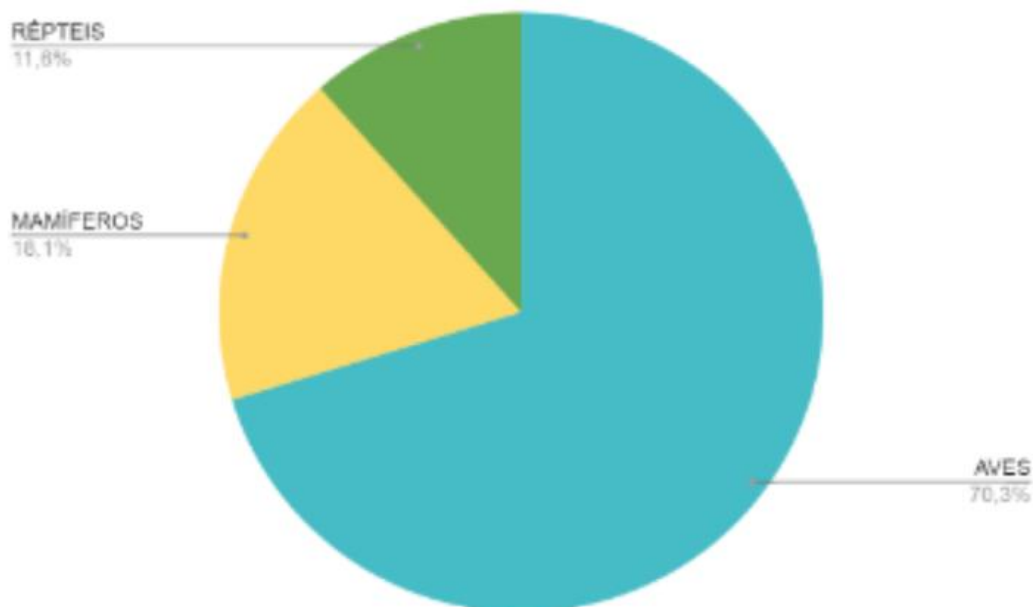
A metodologia utilizada no projeto foi a visita ao Centro de Pesquisa e Triagem no município de Cubatão/SP, analisando as caixas de transportes já existentes. Foi feita uma análise das espécies e quantidade de animais recebidos no Centro dentro do período de um ano (novembro/2020 - novembro/2021). Com base nessas informações, foi realizada a revisão de literatura com enfoque no bem-estar animal durante o transporte, assim como o melhor manejo da espécie.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Os animais encaminhados ao Centro de Pesquisa e Triagem de Animais Selvagens entre o período de novembro de 2020 e novembro de 2021 foram 398 indivíduos de 91 espécies, em que grande parte eram aves (70,3%), continuando com 18,1% de mamíferos e 11,6% de répteis (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Relação dos animais recebidos no CePTAS - Aves, mamíferos e répteis.





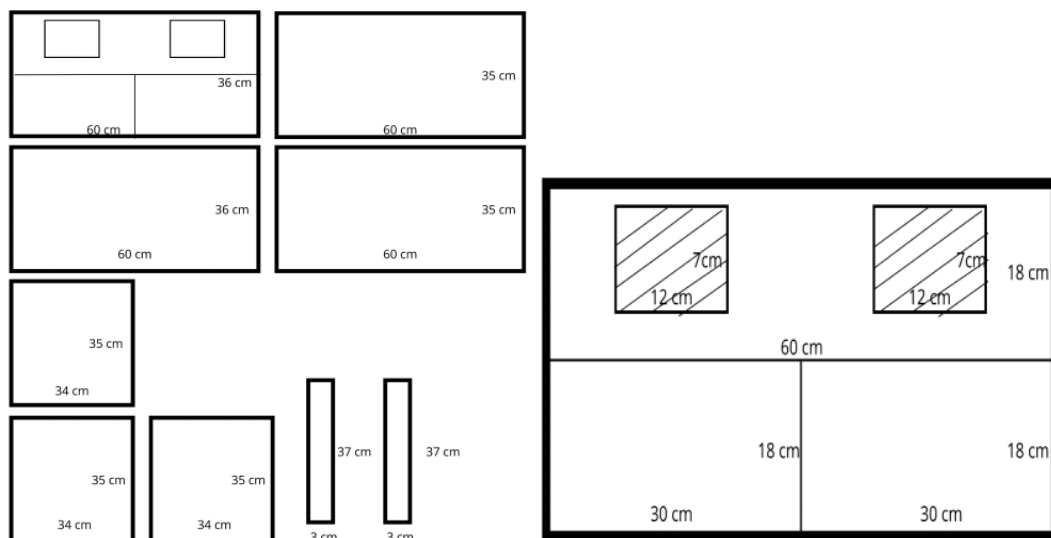
Fonte: Arquivo pessoal.

Durante a visita ao Centro, juntamente com a médica veterinária responsável e o tratador, foram analisadas as caixas de transporte existentes e discutido qual seria a demanda necessária. Foi identificado uma carência por caixa de transporte de dois compartimentos.

Com o auxílio do técnico do Espaço Maker da Universidade São Judas Tadeu – Campus Unimonte, foi desenhado o projeto para construção da caixa, conforme a figura 1. O material utilizado foi o compensado naval de 10mm, por ser constituído por lâminas de madeiras sobrepostas que recebem imunização contra fungos e cupins, além de ser altamente resistente à umidade e ao contato com a água, possibilitando sua higienização e também a impermeabilidade citada por ROSA (2014), importante para o caso do animal urinar. O compensado naval é um material ideal por isolar a caixa visualmente, possuindo um piso de substrato adequado e não muito rugoso, além de fácil realização da higiene, como idealizado por FORD *et al.* (2007). É um material leve, que possui boa aderência a pregos e parafusos, além de ter um bom custo-benefício, ser ecologicamente correto e ser um material rígido para oferecer uma resistência ao choque em caso de colisão (ROSA, 2014).

Figura 1 – Projeto da caixa de transporte



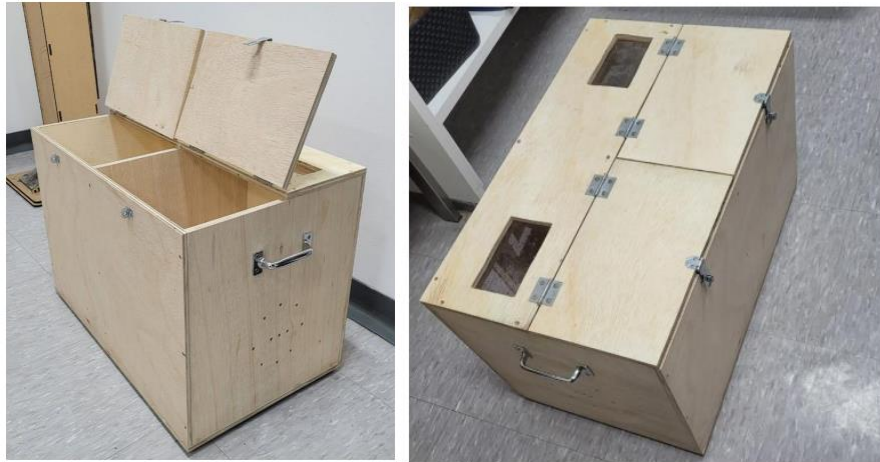


Fonte: Arquivo pessoal.

As medidas foram de 36cm de largura, 35cm de altura e 60cm de comprimento. Uma placa de acrílico de 12cm de comprimento e 7cm de largura foi colocada na parte superior para permitir visão do animal durante o transporte (Fig. 1), sendo feito também orifícios nas laterais menores para permitir a oxigenação da caixa. Foram cortados também dois retângulos do compensado, na medida de 37cm de comprimento e 3cm de largura, para que a caixa tivesse um apoio embaixo ao ser colocada no chão. O ideal é que a caixa não possua rodinhas, pensando que será transportada também em um veículo (ROSA, 2014). A caixa dispõe de travas com suporte para cadeado em ambos os lados para segurança dos animais e do técnico que irá realizar o transporte, conforme recomendado por ROSA Não foi encontrado o material da alça revestida utilizada para segurar a caixa como no modelo antigo, sendo então substituído por alça metálica de 120mm (Fig. 2). Segundo ROSA (2014), a caixa ser áspera e possuir laterais retas aumenta a segurança no transporte no caso de freadas bruscas, diminuindo o risco de escorregar.

Figura 2 – Caixa de transporte finalizada.





Fonte: Arquivo pessoal.

Foi realizado o teste de eficácia da caixa utilizando um exemplar de *Pantherophis guttatus* recebida recentemente no CePTAS, vindo de entrega voluntária após ser descoberto que a espécie não possui criação permitida no Brasil (Fig. 3).

Figura 3 – Teste da caixa de transporte com uma *Pantherophis guttatus*.



Fonte: Arquivo pessoal.

CONCLUSÕES:



A caixa de transporte construída é segura e funcional para o transporte de animais, especialmente répteis. O material é de fácil acesso e bom custo-benefício, além de ser higiênico e ecologicamente correto.

O CePTAS possui uma alta demanda de caixas de transporte pela quantidade de animais que são recebidos periodicamente, sendo o trabalho realizado com esses indivíduos muito relevante para o resgate de fauna.

A caixa que foi construída durante o presente projeto foi doada para o Centro visando auxiliar na segurança no momento do manejo. É evidenciado a importância do conhecimento sobre manejo e características anatômicas e fisiológicas de cada espécie, bem como os equipamentos e materiais utilizados, para que o transporte ocorra de maneira segura tanto para o animal quanto para o técnico responsável.

REFERÊNCIAS:

ALTRAK, G. **Nutrição e Manejo de Animais Silvestres e Exóticos em Zoológico**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Agronomia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Jun 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/79226>. Acesso em: 15 out. 2021.

FORD, S., CHITTY, J., JONES, M. (2007) *Raptor medicine and case management*. *Association of Avian Veterinarians*, 135- 150.

HOHLENWERGER, J. C.; NUNES, O. C. Casos Clínicos do CETAS Chico Mendes, Salvador, Bahia, Brasil (2003-2006). In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE MANEJO DE FAUNA SILVESTRE NA AMAZÔNIA E AMÉRICA LATINA, n.8, 2006. Ilhéus. **Anais...**Ilhéus: Universidade Estadual Santa Cruz – UESC, 2006. p. 39.

HOSEY, G.; MELFI, V.; PANKHURST, S. *Zoo Animals: behavior, management and welfare*. Oxford University Press, USA, ed. 2, 2013. ISBN-10: 0199693528.

MARINI, M. A.; MARINHO FILHO, J. S. Translocação de Aves e Mamíferos: Teoria e Prática no Brasil. In: ROCHA, C. F. D. et al. **Biologia da Conservação: Essências**. São Carlos: Ed. Rima, 2006.



MENDONÇA, R.; AMARAL, A. A. N.; VOLTOLINI, J. C. Recepção, triagem e soltura de psitacídeos no Centro de Triagem de Animais Silvestres (CETAS) IBAMA Lorena, SP. **Revista Biociências**, Taubaté, v. 26, n. 1, ed. 26, p. 70-79, 2020. Disponível em: <http://periodicos.unitau.br/ojs/index.php/biociencias/article/view/3125> Acesso em: 12 set. 2021.

ORSINI, H., BONDAN, E. F. (2014) Capítulo 5: Fisiopatologia do estresse. *In Tratado de animais selvagens: medicina veterinária* 2a ed. Cubas, Z. S., Silva, J. C., Catão- Dias, J. L., Editora Roca, São Paulo, ISBN: 978-85-277-2618-4, pp 35- 45.

PEREIRA, T. S.; SOUZA, A. F.; BARBOSA, E. D. O.; CHAVES, M. F. Avifauna alojada nos CETAS/IBAMA nos estados do Rio Grande do Norte e Paraíba, Brasil. *Nature and Conservation*, v. 12, n. 3, p. 1-10, 2019. DOI: <https://doi.org/10.6008/CBPC2318-2881.2019.003.0001>. Disponível em: <http://www.sustenere.co/index.php/nature/article/view/CBPC23182881.2019.003.0001> Acesso em: 12 set. 2021.

REES, P. A. *An Introduction to Zoo Biology and Management*. Wiley-Brackwell, 2011. DOI:10.1002/9781444397840. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1002/9781444397840.fmatter>. Acesso em: 27 out. 2021.

ROSA, B. M. V. F.; Condições de Segurança no Transporte Comercial de Animais de Estimação em Meio Urbano. Monografia (Pós-graduação em Engenharia de Segurança do Trabalho). **Universidade Tecnológica Federal do Paraná**. Curitiba. 2014.

